
REVISTA TAKA'A

A ROÇA TRADICIONAL: ASPECTOS DA ANCESTRALIDADE E PEDAGOGIA

BALATIPONÉ-UMUTINA NA ETNOMATEMÁTICA

THE TRADITIONAL AGRICULTURE: ASPECTS OF ANCESTRALITY AND
BALATIPONÉ-UMUTINA PEDAGOGY IN ETHNOMATHEMATICS

Jairton Kupodonepá
Escola Estadual Indígena Jula Paré
<http://orcid.org/0009-0006-0625-1099>

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
<http://orcid.org/0000-0001-5949-7590>

Resumo

Este artigo é parte da pesquisa da dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Scrito Sensu*, Mestrado Profissional, em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural” da Universidade do Estado de Mato Grosso, e trata sobre a etnomatemática presente na roça tradicional do povo Balatiponé-Umutina. O objetivo é apresentar uma experiência vivida em pesquisa na escola Jula Paré sobre a roça tradicional, pois é um tema trabalhado na escola como conteúdo pedagógico desde 2016, portanto, faz parte do currículo escolar. A pesquisa é de cunho qualitativo e participante, desenvolvida de forma colaborativa com os alunos da escola, com outras pessoas da comunidade, além de entrevistas com alguns anciãos, que detêm conhecimentos sobre a roça tradicional. Quanto ao referencial teórico, dialogamos com autores que tratam sobre o tema desse trabalho, como D’ambrosio, Beltz, Ribeiro, entre outros e, ainda, a leitura do Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas-RCNEI, importante documento que aborda sobre a educação escolar indígena, de um modo geral. Este trabalho se insere dentro da política cultural educativa do povo Balatiponé em fazer a escola intercultural e específica e, também, com aprendizados da etnomatemática. Foi uma experiência pedagógica que permitiu se estabelecer relações dos conhecimentos empíricos com os conceitos matemáticos e etnomatemáticos, e que resultou, ainda, num produto educacional para estudantes dos anos iniciais da Escola Estadual Jula Paré.

Palavras-chave: Balatiponé. Cultura. Etnomatemática.

ABSTRACT

This article is part of the research for the master's thesis, developed in the *Scritto Sensu* Postgraduate Program, Professional Master's Degree, in “Teaching in an Intercultural Indigenous Context” at the State University of Mato Grosso, and deals with the ethnomathematics present in the traditional agriculture of Balatiponé-Umutina people. The objective is to present an experience lived in research at the Jula Pará school on traditional farming, as it is a topic worked on at the school as pedagogical content since 2016, therefore, it is part of the school curriculum. The research is of a qualitative and participatory nature, developed collaboratively with school students, with other people from the community, in addition to interviews with some elders, who have knowledge about the traditional agriculture. As for the theoretical framework, we spoke with authors who deal with the theme of this work, such as D'ambrósio, Beltz, Ribeiro, among others, and also read the National Curriculum Reference for indigenous schools-RCNEI, an important document that addresses indigenous school education, in general. This work is part of the cultural educational policy of the Balatiponé people in making the school intercultural and specific and also with learning from ethnomathematics. It was a pedagogical experience that allowed relationships to be established between empirical knowledge and mathematical and ethnomathematical concepts, and which also resulted in an educational product for students in the initial years of the Jula Pará State School.

Keywords: Balatiponé. Culture. Ethnomathematics.

Introdução

Este trabalho envolve a cultura Balatiponé-Umutina e o ensino na escola indígena, com foco na etnomatemática, é parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Scritto Sensu*, Mestrado Profissional em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural” da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Há saberes e fazeres tradicionais que são desenvolvidos e vivenciados pelos povos indígenas, entre esses saberes se encontra a roça tradicional, cultivada por vários povos, inclusive, pelos Balatiponé-Umutina. Ela é um espaço de trabalho, de cultura e de relações de aprendizagem das técnicas próprias do povo. Faz parte da identidade, da sustentabilidade alimentar e, também, como possibilidades de aprendizagem escolar (Zoia e Mendes, 2020).

Com a presença da escola dentro da aldeia, e com a construção de um currículo que busca atender o contexto de vivências, bem como, a inclusão dos nossos saberes nos processos de ensino, e em consonância com as legislações vigentes como a Constituição Federal do Brasil (1988) que reconhece o direito dos povos indígenas; a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº. 9.394/96, afirmando uma educação escolar indígena intercultural, específica,

bilingue e diferenciada, e ainda o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (1998), com orientações da construção curricular pautados nos saberes, fazeres e na interculturalidade nas escolas indígenas, é que este trabalho tem a roça como elemento pedagógico de ensino e aprendizagem dentro da escola, envolvendo os conceitos da etnomatemática e usando também aspectos da revitalização linguística e do trabalho coletivo.

O texto que se segue tem o objetivo de apresentar uma experiência vivida na Escola Jula Pará com os estudantes do ensino médio entre os anos de 2020 e início de 2023. Ressaltamos que a roça tradicional como conteúdo, e/ou como elemento pedagógico não é um trabalho recente dentro da escola, mas uma atividade curricular vivenciada desde 2016. Nesse ano, fizemos uma discussão com o coletivo das pessoas que atuavam na escola e lideranças da comunidade, porque estávamos preocupados, pois havia saberes que estavam sendo esquecidos e, dentre esses saberes, estava a roça tradicional.

O trabalho foi coletivo e envolveu toda equipe administrativa, professores, estudantes e pais; foi assim que reunidos fizemos uma pequena roça para a escola, onde foram plantados e colhidos mandioca, banana e milho. Foi um trabalho pedagógico de pesquisa junto com os anciãos e os estudantes. Seguimos o caminho da pesquisa qualitativa participante que, conforme Brandão e Streck (2006), esse tipo de pesquisa possibilita compartilhar saberes que são vivenciados coletivamente na realidade concreta da vida e da cultura.

A seguir, apresentamos a roça tradicional na cultura Balatiponé-Umutina, percorrendo sobre cultura e os nossos costumes de fazer a roça. Para abordar sobre a nossa cultura, nos apoiamos na fala dos mais velhos da comunidade, pois eles são os guardiões de muita sabedoria sobre o nosso povo. Na sequência, tratamos da roça que é da nossa cultura e que é trabalhada na escola como uma prática pedagógica, por fim, fechamos o texto com uma experiência de catálogo dos produtos que são cultivados na roça atual.

A roça tradicional como cultura Balatiponé-Umutina

Para afirmarmos que a roça faz parte da cultura tradicional Balatiponé-Umutina, precisamos trazer nossa compreensão de cultura. Acreditamos que a cultura envolve uma pluralidade de manifestações e saberes que são transmitidos e repassados por várias gerações. E mesmo que seja repassada pelos mais velhos, cada geração a ressignifica de alguma forma. Ela é um jeito de expressar nossa identidade e, via cultura, podemos dizer quem somos

porque manifestamos as nossas danças, os nossos rituais, os nossos saberes e as nossas tecnologias que são próprias e específicas. Assim, conforme aponta Beltz,

A cultura é parte integrante e fundamental na identidade e riqueza de um povo. É por meio dela que ocorre a manifestação e expressão da diversidade cultural das diferentes etnias. A cultura é o sinal mais evidente da consciência de um povo sobre si próprio, sobre sua identidade e seu destino. E para que não se perca essa identidade, a cultura precisa ser passada de geração para geração, como uma luta de resistência a mudanças e uma busca pela valorização dos seus conhecimentos tradicionais (Beltz, 2012, p. 51).

Ainda podemos dizer que a cultura é um jeito de resistir e de se expressar, ela traz o traço da tradição. Pela cultura aprendemos o conhecimento e o respeito à natureza; pela nossa cosmologia, acessamos os saberes ancestrais, como os saberes sobre a roça tradicional. Essa aprendizagem da cultura se dá no menor grupo que é a família, mas se dá também no coletivo da comunidade. Aprender sobre a roça tradicional ocorre na cotidianidade daqueles que ainda praticam essa atividade. “As crianças ficam ao lado dos pais durante a consecução dos afazeres do cotidiano, assimilando com isso técnicas de manejo com a terra[...]” (Januário, 2006, p.158). Quando as crianças estão ao lado dos seus familiares, dos parentes, elas estão aprendendo as técnicas, os conhecimentos e, no caso aqui apontado, o manejo da roça tradicional.

Estando do lado dos adultos, as crianças aprendem, por exemplo, que os nossos antepassados usavam as observações da própria natureza e esses conhecimentos eram repassados aos descendentes. Aprendem e/ou podem aprender que os vagalumes começam a aparecer à noite e, quando eles ficam mais brilhantes, estão no período de acasalamento e, para os Balatiponé, é o período que vão iniciar as chuvas. Também é quando algumas espécies de formigas aparecem em forma de correição, ou seja, quando elas estão migrando em grandes bandos de um lugar para outro, isso marca o início das chuvas.

Essa sabedoria cultural Balatiponé-Umutina marcava o momento de fazer a queimada na roça, pois iria iniciar o período das chuvas e, então, seria época de começarem os plantios.

O ancião Hamilton Kupodonepá, de 60 anos nos contou e explicou a história que aprendeu, desde a época do seu avô. Ele disse que ouviu o avô dizendo que quando as frutas do acaí estão acabando é sinal de que a enchente também está acabando. Elas são frutas que dão no período que o rio está cheio, e quando vai terminando de dar frutos significa que as

águas estão baixando. Explicou também que quando a ave coró-coró ou íbis verde desce o rio cantando, seu avô e nosso pai conta que o rio está enchendo “enchente está descendo” e quando ele sobe, significa que o rio (enchente) está abaixando. Esses são alguns de muitos marcadores de tempo e são informações orais, não tem registro escrito.

Esses marcadores de tempo ajudam a entender que os conhecimentos e saberes são próprios do povo, que é preciso continuar a prestar atenção nesses marcadores, ainda que atualmente não seja muito fácil, porque muitas coisas estão alteradas no ambiente, as chuvas têm mudado de período e tem época que as secas se prolongam. Esses conhecimentos dos marcadores de tempo e, também, das alterações que ocorrem no mundo e na comunidade, em decorrência das mudanças climáticas, têm se constituído como desafios para se entender e trabalhar a roça tradicional nas aldeias e na escola como conteúdo curricular.

A roça tradicional como elemento pedagógico

Compreendemos que trabalhar o tema roça na escola é muito importante, pois ela faz parte da vida do povo Balatiponé-Umutina, e pensar a roça nos leva a pensar as formas de produção, os conhecimentos próprios do nosso povo, as alterações sofridas ao longo do tempo e, principalmente, pensar que a roça é importante porque é um dos lugares onde conseguimos os nossos alimentos. Plantar é uma das tecnologias mais antigas e uma tecnologia que se modifica, e ao mesmo tempo, permanente, porque todos precisam se alimentar.

Para estudar sobre a roça, especificamente, na escola, uma das ações que fizemos foi a construção de um calendário específico, que foi elaborado junto com os estudantes, sempre observando os conhecimentos dos anciãos e os diversos marcadores de tempo que estão presentes em nossa comunidade.

Na escola Jula Paré, temos trabalhado dois universos: o indígena e o não indígena. O primeiro é porque queremos fortalecer cada vez mais o nosso próprio conhecimento, e o segundo porque sabemos que não vivemos isolados, mas em contato com outros povos e com os não indígenas. Nesse sentido, é preciso pensar que:

[...] nesta conjuntura atual o olhar do povo Umutina visa à revitalização, valorização e fortalecimento das práticas de saberes tradicionais. Traz para a escola uma concepção indígena que fomenta o diálogo do fortalecimento das práticas culturais, contar a história, estar escrevendo, registrando sendo protagonista,

transitando esses dois universos: o indígena e o não indígena (Monzilar, 2020, p.73).

Assim, a roça tradicional foi trabalhada na escola e fez parte das atividades a organização do calendário da roça. Esse calendário específico faz parte de outro calendário (oficial). O calendário escolar específico e diferenciado é um direito dos povos indígenas, mas sabemos que elaborá-lo não é muito fácil, de acordo com a cultura. Mesmo que tenhamos assegurada na legislação uma escola específica e diferenciada, construí-la na prática é um desafio constante. Pensar o currículo e o calendário escolar específicos, que incluam o calendário da roça é uma forma de fortalecer os nossos saberes, a etnomatemática e a aprendizagem, a partir dos elementos que compõem a nossa cultura.

Essa prática pedagógica de construir o calendário traz a etnomatemática dos conhecimentos tradicionais (Fig.1 e 2) e, também, dos conhecimentos ocidentais, apresentando os meses do ano. Assim, em pesquisa, juntamente com os anciões, construímos pedagogicamente dois tipos de calendário de roça, porque há uma permanência de ações culturais - tradicionais, mas há também uma modificação dentro do período e processo de plantio de roças. Há diálogos estabelecidos fortemente com a etnomatemática dentro deste conteúdo escolar.

A etnomatemática é um tipo de matemática, elas “[...] são linguagens que estão presentes em todos os grupos sociais, cada um com sua matemática específica. Elas são linguagens elaboradas, a partir das suas necessidades para inferir e expressar quantidades...” (Silva e Jesus, 2021, p. 11).

Figura 01 - Calendário Tradicional **Figura 02 – Calendário convencional**



Desenho: Bruno E Amajunepá, 2023



Como disse anteriormente, antigamente o povo Balatiponé dividia o tempo em época da seca e época das chuvas e/ou enchentes. Quando observavam a presença de alguns insetos como o vaga-lume, formigas-de-correição, entre outros, sabiam que o período das chuvas estava se aproximando. Já quando percebiam que as folhas das árvores começavam a secar e cair no solo, sabiam que estava iniciando o período da seca e que já era hora de procurar um local para fazer a roça tradicional.

Atualmente, o nosso povo ainda usa esses saberes tradicionais, essa matemática própria para realizar atividades do dia a dia, mas que, às vezes, não dão muito certo devido a essas mudanças climáticas que enfrentamos, causadas pelo próprio homem, através da globalização, do mundo capitalista e do agronegócio. Estão desequilibrando a vida dos nossos ecossistemas, através das queimadas e poluição com gases tóxicos na atmosfera. Tudo isso está mudando a maneira de plantar alguns produtos na roça. Observamos que o tempo de chuva não é igual há dez anos, então, é preciso saber ler o ambiente para fazer a roça.

É importante dizer que as roças são de forma espiral, que é preciso ter conhecimento do solo, que há ciclicidade dentro do território, ou seja, se planta banana em um determinado lugar, no próximo ano muda-se o local, porque existe um cuidado com o solo. Esses elementos são da cultura, dos saberes Balatiponé-Umutina, mas são também pedagógicos porque não há uma separação, pois, a cultura adentra a escola, e as pessoas que compõem a escola é esse universo Balatiponé-Umutina de conhecimento e de ciência.

Cultivamos a roça tradicional como elemento pedagógico com ações reais e vividas dentro da comunidade junto com os alunos, com a etnomatemática presente e em diálogo com a matemática universal. O Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas, aponta que o estudo da matemática dentro da escola indígena auxilia na:

Estrutura, pensamentos e ações que, juntamente com outras áreas de conhecimento, podem promover a conquista da autonomia e autossustentação das comunidades indígenas; Permite uma melhor compreensão das várias matemáticas, isto é, dos diferentes sistemas numéricos e das variadas maneiras que cada sociedade encontrou para dar sentido ao universo; Possibilita uma melhor compreensão dos conhecimentos em outras áreas do currículo, assim como permite a produção de conhecimentos a partir de manifestações culturais indígenas (Brasil, 1998, p.64).

Desse modo, compreendo que é responsabilidade da educação escolar indígena realizar aulas interculturais em que o conhecimento do próprio povo faça parte do currículo. Um dos saberes que o desenvolvimento da pesquisa trouxe e/ou fortaleceu dentro da escola é a roça tradicional. Ela faz parte da cultura Balatiponé-Umutina e da aprendizagem matemática trabalhada desde o mito de origem da roça, até o estudo e observação dos canteiros, como se planta, as medidas, as formas, etc.

A roça tradicional, como conteúdo da etnomatemática, permite aos alunos aprenderem a história de como era a roça antigamente, onde aprendem sobre as fases da lua e as medidas, quantidades, área, etc. “O professor tem o compromisso de possibilitar atividades e situações que permitam ao aluno desenvolver o fazer matemático” (Silva e Jesus, 2021, p.14). Na perspectiva da etnomatemática reconhecem-se as formas de medir específica do povo e as observações/relações com a natureza.

Assim, a etnomatemática é a matemática da cultura de um povo, ela está presente nos saberes e fazeres das práticas tradicionais de cada povo, como na forma de medir, contar, associar determinadas situações com os elementos da natureza, como marcadores de tempos, muito utilizados pelos nossos antepassados, transmitidos de geração a geração. Até hoje se utiliza desse conhecimento para realizar trabalhos que atendam às suas necessidades. Segundo Ubiratan D’Ambrósio (2013, p.9),

[...] etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetos e tradições comuns aos grupos.

Catálogo de produtos da roça: aprendizagem com a escola

Esse trabalho foi realizado como atividade pedagógica pelos alunos da escola Jula Pará. Para chegar à catalogação, vários estudos foram realizados, sobre o mito de origem dos alimentos, sobre os saberes ancestrais da roça tradicional, sobre as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, conceitos de partilha pelo povo Balatiponé-Umutina e catalogação dos produtos da roça, trazendo as palavras em língua materna, apesar de termos o português como primeira língua.

O que é catalogar? Para nós é uma forma de organizar em agrupamentos os produtos da roça. E os produtos da roça que foram catalogados foram aqueles que são mais plantados no sistema de roça tradicional.

A roça tradicional é um procedimento cultural de realizar manejo manualmente de uma determinada área de mata para o cultivo, utilizando a foice, o machado, a enxada e/ou facão além das forças humanas, ainda usados por algumas famílias Balatiponé-Umutina.

Quando se inicia o período da seca entre os meses de maio, junho ou julho, depende de cada família, procura-se um local de mata alta, terra preta ou vermelha e próximo de córregos ou lagos, faz “picada” caminho com facão para realizar as medidas. Cada família utiliza suas técnicas tradicionais para medir o tamanho da roça, que depende de cada membro da família que vai trabalhar na roça. O povo Balatiponé-Umutina tem sua roça no formato de quadrilátero. Assim, após esses procedimentos, inicia a roçada utilizando a foice para cortar as pequenas vegetações e árvores finas. Terminando a roçada, esperam-se uns 15 ou 20 dias, depois começa o processo da derrubada usando o machado para cortar as árvores mais grossas e altas, depois esperam-se 30 dias para fazer a queimada. Se a roça queimou bem já se iniciam as plantações, caso contrário, realiza-se a coivara, que é onde vão ser cortados os galhos das árvores não queimados, ou seja, trata-se da última limpeza de preparação para o plantio; em seguida, junta tudo fazendo vários montes e queima novamente. Ela é feita sempre de frente para a nascente, de onde sopra o vento. De acordo Ribeiro (2018), essa terra requeimada produz um espaço com muitos nutrientes orgânicos que beneficiam o plantio.

A enxada e o facão são usados para limpar os pequenos matos e ervas daninhas que nascem depois que a roça foi queimada e entre as plantações que estão em fase de crescimento.

Observamos que a roça tradicional é um espaço organizado com várias práticas de trabalho e essa organização é importante para que aconteça o resultado final que é a soberania alimentar da aldeia, mas, para que possamos ter o alimento que vem da roça é preciso saber escolher o lugar observando o solo, fazer a derrubada da mata apenas na área necessária, saber fazer a queimada com aceiros para que não provoque incêndios e preparação da terra para a plantação.

Todo o processo da roça tradicional é vivenciado pelos alunos em um sistema de pesquisa, de observação, participação e de escuta dos anciãos. Eles vão anotando e

construindo os seus textos (com orientação do professor), e juntos elaboramos várias atividades de registros, entre eles, o quadro dos produtos mais encontrados na roça atual.

Observamos que a roça, na forma de fazer, é tradicional, mas o que tem sido plantado já é em modo intercultural, pois existem alguns alimentos que foram introduzidos na alimentação e que antes não faziam parte da roça do povo Balatiponé. O quadro abaixo construído é a identificação dos produtos mais encontrados, e os que não estão completos com informações, foram os produtos que os alunos não conseguiram completar como o pepino, o melão e o quiabo. No quadro, apresento os produtos no idioma, no período de plantio e também de colheita.

O quadro abaixo mostra os produtos mais encontrado na roça tradicional do povo Balatiponé-Umutina

Produtos	Idioma Balatiponé	Período de plantio	Período da colheita
Arroz	Bokokwaká	Outubro	Janeiro ou fevereiro
Cana de açúcar	Bixó	Outubro	Abril
Batata doce	Balarokupó	Outubro	Maio
Cará	Tapatapu	Outubro	Maio
Mandioca	Utujô	Outubro	Janeiro ou abril
Pepino			
Melancia	Piripiri	Outubro	Abril
Abóbora	Piripiri biriti	Outubro	Março
Milho	Rumataká	Outubro	Abril
Banana	Zarokokwá	Outubro	01 ano
Melão		Outubro	Abril
Quiabo		Outubro	Março ou abril

Considerações finais

Encerramos a reflexão deste texto, reforçando que na aldeia há um movimento em relação à prática sociocultural da roça e essa prática, mesmo que já interculturalizada de diferentes formas, com o uso de instrumentos não indígenas, com inclusão de produtos

alimentícios aprendidos com outras culturas. Além disso, apresenta uma relação que se configura em uma prática de solidariedade e de partilha, porque para fazer a roça, as pessoas se ajudam, organizam grupos para que a roça seja feita, ou por família, ou outras organizações coletivas. É o desenvolvimento de um trabalho comunitário, utilizando os saberes ancestrais do próprio povo (Tardo Ribeiro, Parrilha da Silva, 2023).

Consideramos como Monzilar e Ferreira (2023), que a identificação de um povo está interligada com o todo, com os saberes, na relação com o meio ambiente, na espiritualidade, nas técnicas desenvolvidas culturalmente, como é a roça tradicional. “O povo transforma o espaço/lugar onde vive com os saberes da cultura e outros aprendizados” (Monzilar e Ferreira, 2023, p.12).

Todos os saberes Balatiponé envolvidos na roça e a aprendizagem de outros saberes possibilitaram a roça atual, e no processo de fazer a roça, emergem-se relações sociais, culturais, identitárias e também cosmológicas, no respeito à terra e ao dono da mata, a nossa história da origem da roça, aos alimentos, quando o menino se transforma em alimentos com a queimada.

A escola, neste caso, é o lugar que acolhe também esses saberes, pois nela estamos todos nós da aldeia, alunos e professores. Hoje, para nós, a escola é um espaço muito importante que auxilia a própria comunidade, não somente à retomada das práticas culturais, mas muito além disso, porque compreendo que ela é usada como instrumento que subsidia as retomadas de saberes do próprio povo, pois trabalhar com a roça de toco envolve muitos conhecimentos que fazem parte da cultura do meu povo.

De outra forma, o espaço cultural da roça é estendido para a escola e se torna um espaço de relação pedagógica e de convivência entre as pessoas da comunidade, sem tomar o lugar da roça mesmo e da cultura.

A escola nos ajuda a pensar sobre os nossos próprios saberes e a perceber outros, observamos o processo da organização da roça, as práticas de trabalho, os saberes ancestrais, as mudanças das roças com o tempo, e o tempo que muda para fazer a roça, as dificuldades e também a convivência, a solidariedade. Juntamente com esses aprendizados, aprender que a soberania alimentar está na continuidade das nossas roças, porque elas são orgânicas.

Nesse sentido, a escola ajuda a perceber que esses conhecimentos nossos fazem parte de uma etnomatemática. As nossas formas de observar, de preparar solo e de plantar envolvem muitos conhecimentos, cálculos, organizações, compreensão de períodos, tempo,

tudo junto com a observação da natureza. Ela é o lugar que acolhe a pedagogia Balatiponé e, ao mesmo tempo, lugar de negociações curriculares, pois mesmo desenvolvendo atividades específicas do meu povo, e estando dentro de uma escola indígena com professores indígenas, construir e vivenciar um currículo próprio não é fácil, porque precisa de decisões políticas e identitárias.

Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BELTZ Leilacir: **Roças Indígenas no Estado de Mato Grosso: Educação Ambiental e Sustentabilidade entre os Estudantes da Faculdade Indígena Intercultural** – Cáceres. Mato Grosso, Brasil 2012.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática, tendências em educação matemática 2013**. Disponível em <https://moodle.ifsc.edu.br/mod/book/view.php?id=224228&chapterid=28608>

SILVA, Adailton Alves da e JESUS, Lori Hack. **Práticas pedagógicas em matemática**. Cuiabá: VT Print, 2021.

TARDO RIBEIRO, Rhuan Guilherme; PARRILHA DA SILVA, Josie Agatha. A etnomatemática como ferramenta do saber/fazer matemático nos artesanatos dos bichinhos de madeira do povo Guarani. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e392303, 2023. DOI: 10.30681/21787476.2023.E392303. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/11434>. Acesso em: 17/11/2023.

MONZILAR, Eliane Boroponepa: **A Escola e o Ensino do Povo Balatiponé-Umutina no Território Indígena: A Educação Indígena e a Educação Escolar**. Movimento-Revista de Educação, Niterói, ano 7, n. 13, p. 61-93, maio/ago. 2020.

MONZILAR, Edna e FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. A importância de apreender o meio ambiente através da espiritualidade e cultura do povo Balatiponé-Umutina. **Revista Habitus**. Goiânia, v. 21, n.1, p. 9-19, jan./jul. 2023. Disponível: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/13214/6387> Acesso: 14/11/2023.

RIBEIRO, Paulo Cesar Carvalho. **Pedagogia da roça: cartografias de saberes culturais que orientam práticas de trabalho e relações sociais na roça de mandioca**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

ZOIA, Alceu; MENDES, Matilde. Alguns aspectos da luta pela efetivação do direito à autodeterminação do povo indígena Paiter Suruí: a educação, a cultura e a terra. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 247–268, 2020. DOI: 10.30681/21787476.2020.33.247268. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4794>. Acesso em: 10/11/2023.

Histórico

Submetido: 20 de março de 2024.

Aprovado: 17 de abril de 2024.

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

